



REPRESENTAÇÃO GRÁFICA: A (RE)CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DOS RECURSOS HÍDRICOS NA “MORADA DE TODOS”, COMUNIDADE CAPOEIRÃO, SANTA QUITÉRIA/CE, A PARTIR DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL E NARRATIVAS

Graphic Representation: the historical (re)construction of water resources in the “home of all”, Capoeirão community, Santa Quitéria/CE, from the environmental perception and narratives

Maria Luisa Ximenes Castelo Branco

Pesquisadora, Graduada em Antropologia (UFRR) e Mestre em Geografia (UVA)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6450-0504>

maluxcb@gmail.com

José Falção Sobrinho

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6335-6088>

falcao.sobral@gmail.com

Artigo recebido em 01/06/2021 e aceito em 30/10/2021

RESUMO

O presente trabalho parte do princípio de abordar a questão dos recursos hídricos em uma comunidade do semiárido cearense e mapear as suas memórias. Nessa perspectiva, optou-se por trabalhar e analisar a percepção ambiental dos moradores da Comunidade Capoeirão, Santa Quitéria - CE, localizada no entorno do açude Araras, a partir das práticas, memórias e narrativas desses sujeitos locais. Nos procedimentos metodológicos foram realizadas entrevistas e aplicação de questionário semi estruturado abordando vários aspectos quanto às percepções, mudanças e perspectivas referentes aos recursos hídricos e ao ambiente; e, posteriormente, conduziu-se a elaboração de mapas como representações gráficas, no intuito de resgatar a história da referida comunidade, moradores da antiga “Carnaubinha dos Ximenes”. Assim, possibilitou compreender e registrar as suas diversas percepções e ações ao ambiente em torno dos recurso hídricos, contribuindo para entender a realidade vivenciada pelos sujeitos enquanto “ser-no-mundo”.

Palavras-chave: Açude; Cartografia; Memória.

ABSTRACT

The present work starts from the principle of approaching the issue of water resources in a community in the semi-arid region of Ceará and mapping its memories. In this perspective, we chose to work and analyze the environmental perception of the residents of the Capoeirão Community, Santa Quitéria -

DOI: 10.5281/zenodo.12676349

CE, located around the Araras reservoir, based on the practices, memories and narratives of these local subjects. In the methodological procedures, interviews were carried out and a semi-structured questionnaire was applied, addressing various aspects regarding perceptions, changes and perspectives regarding water resources and the environment; and, later, the elaboration of maps as graphic representations was carried out, in order to rescue the history of that community, residents of the old “Carnaubinha dos Ximenes”. Thus, it made it possible to understand and record their various perceptions and actions to the environment around water resources, contributing to understanding the reality experienced by subjects as a “being-in-the-world”.

Keywords: Weir; Cartography; Memory.

1. INTRODUÇÃO

A etimologia da palavra “Geografia” tem origem grega, na qual "geo" significa *Terra* e "graphos" significa *escrever*, isso posto, de forma geral, a geografia tem como objeto de estudo a superfície da Terra. Ou, conforme pontuado por Claval (2007, p. 19), “a geografia nasceu para descrever a Terra e assinalar sua diversidade”, com isso seu estudo atribui fenômenos físicos, biológicos e humanos, bem como a interação desses fenômenos.

No que tange dissertar sobre Meio Ambiente, enfocando os recursos hídricos como elementos integrador no cenário das paisagens naturais e culturais, conceito esse de estima importância para a ciência geográfica, uma de suas definições, de acordo com Ribeiro e Cavassan (2013, p. 71), “refere-se, portanto, aos fenômenos que entram efetivamente em relação com um organismo particular, que são imediatos, operacionalmente diretos e significativos”, ou seja, é aquilo que está ao redor de cada indivíduo e que é relevante devido a sua interação. Tal significado traz como sinônimos “mundo externo, mundo relevante, ambiente operacional, ambiente percebido” (idem. p. 71). Aqui será muito empregado em nossa área de pesquisa, ou seja, o recorte espacial da Comunidade Capoeirão, circunscrita pelo açude Araras e pertencente à cidade de Santa Quitéria-CE.

Esse ambiente percebido (percepção) conduz para uma discussão mais específica do método fenomenológico dentro do campo geográfico. Ainda que, para alguns autores, discutir o ambiente está relacionado ao âmbito da geografia física, por se considerar os fenômenos naturais.

Faremos referência àqueles que se consideram as mais usuais, ou seja, a consideração de ambiente enquanto espaço externo ao homem, espaço circundante, geralmente identificado com a *natureza* e a concepção de *ambiente* enquanto espaço de relações entre elementos de ordem natural, social, econômica e política onde o homem, portanto, está interagindo (SUERTEGARAY, 2001, p. 19).

Para a geógrafa Suertegaray (2001; 2004) o ambiente possui duas concepções: o ambiente como algo natural e o ambiente que corresponde a própria relação da natureza com a sociedade. Porém, de acordo com Ribeiro e Cavassan (2013), natureza, ambiente e meio ambiente são distintos. No caso, o ambiente é algo que “se diferenciaria de meio ambiente pelo fato de que condições exteriores

idênticas acarretam diferentes possibilidades de comportamentos, isto é, de ações e percepções” (idem. p. 69), em outras palavras, para esses autores, o ambiente é algo que o indivíduo passa a ter conhecimento, mas não interage com o meio. A partir do momento em que há a interação do homem com o que está ao seu redor (natureza) podemos considerá-la como meio ambiente. Contudo, em ambas referências a natureza apresenta-se como algo externo ao homem, uma “natureza natural”.

Com base nisso, a polissemia, a complexidade de se distinguir, de dar significados tão precisos a cada termo, conceito, não vem a ser o objetivo deste estudo. Mas ao que tudo indica, através das referências aqui citadas, o meio ambiente vem se tornar a relação/inter-relação ambiente/natureza e homem/sociedade. Desta forma, enfocará com precisão a dinâmica das águas que envolve a prestante pesquisa, em seus aspectos atuais e na memória da comunidade. Um ambiente pensado, transformado pela ação do homem e que devido a dinamicidade da sociedade torna-se dinâmico também, ou ainda, há uma transfiguração do ambiente, conforme Suertegaray (2001; 2004).

Assim, pretende-se trazer para análise a compreensão de meio ambiente e dos recursos hídricos, registrado na memória e na relação da sociedade com a natureza, discutindo sobre as questões ambientais, bem como a metodologia aplicada a percepção. Tendo como objetivo geral compreender, analisar e cartografar a percepção ambiental dos indivíduos residentes na Comunidade Capoeirão, Santa Quitéria - CE, com relação aos recursos hídricos, daí algumas indagações surgem como norteadoras para o desenvolvimento da pesquisa

2. AREA DE ESTUDO

O recorte espacial da pesquisa é a Comunidade Capoeirão, pertencente à cidade de Santa Quitéria-CE, a 48 km de sua sede. Entretanto, torna-se mais próxima à cidade de Varjota, com 24 km de distância, precisamente na bacia hidrográfica do Vale do Acaraú (Falcão Sobrinho, 2007, 2009; 2020) Esse dado foi marcado a contar do Centro de Varjota à comunidade Capoeirão, sendo 10 km de asfalto pela CE nº 257 e 14 km de estrada carroçal até a referida comunidade. A partir disso, verifica-se que a distância da comunidade Capoeirão à sede distrital de Santa Quitéria é significativa e apresenta-se como uma das dificuldades dos moradores locais quando esses não são atendidos a certos serviços públicos como saúde, comércio, educação, entre outros. Dessa maneira, os “quiterienses” do Capoeirão possuem uma grande aproximação com Varjota, não só pela distância, mas por ser um local onde também constituíram vínculos familiares.

A Comunidade Capoeirão encontra-se à margem direita do Açude Paulo Sarasate, popularmente conhecido como açude Araras, um reservatório abastecido pelo rio Acaraú, que abrange 5 (cinco) municípios, sendo um deles Santa Quitéria, na qual a referida comunidade está inserida (Figura 1).

Com base no mapa de localização (Figura 1), na sua parte inferior foram anexadas imagens/fotos que correspondem à arquitetura familiar Às margens do açude, sendo que a primeira foto se destaca uma casa com a presença da cisterna de placa, que compõem o contexto sociocultural e paisagístico da comunidade Capoeirão e, na segunda foto há o aparecimento do açude Araras entre as casas, indicando o distanciamento espacial da comunidade acompanhada em relação ao referido açude. Ambas tecnologias fazem parte de programas externos para o fornecimento de água, uma vez que a comunidade Capoeirão é afetada pela escassez e má distribuição das chuvas, um fenômeno natural do semiárido.

Dentre os 42.763 habitantes de Santa Quitéria (IBGE, 2019), 47,9% correspondem à área rural (IPECE, 2017), e incluso nessa estimativa, uma pequena porcentagem habita a comunidade Capoeirão, agregando por volta de 30 famílias residentes no local¹, onde esses sujeitos dividem seu espaço com um dos principais reservatórios de água no estado do Ceará - o açude Paulo Sarasate (Araras) - e sua biodiversidade.

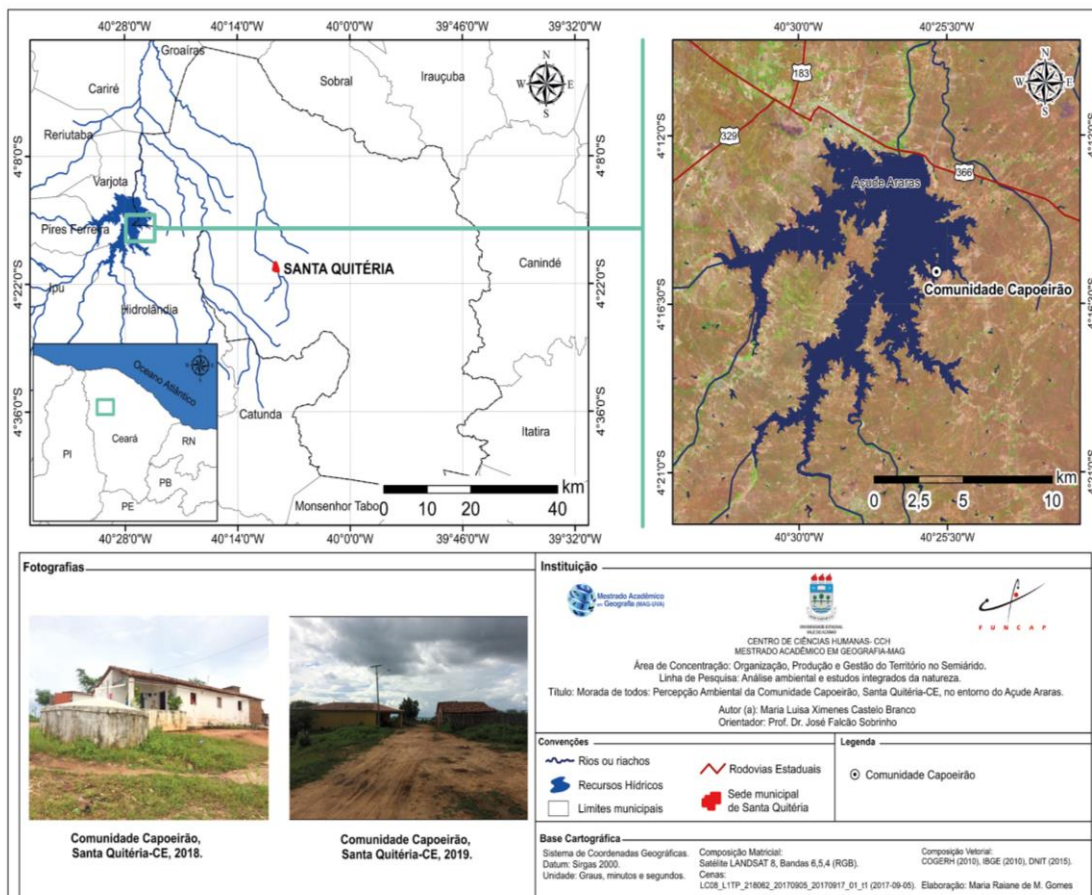


Figura 1: Localização da área de estudo: Comunidade Capoeirão - CE.

¹ Dados oficiais não encontrados.
DOI: 10.5281/zenodo.12676349

2.1. Meio Ambiente no contexto geográfico

O Meio Ambiente é tema de interesse de muitas ciências e atualmente manifesta-se de forma destacada devido os fatos das condições ambientais e da qualidade de vida da sociedade. Contudo, desde a origem da ciência geográfica, a atenção para temática ambiental foi e ainda é uma de suas principais abordagens e preocupações. Não obstante, na sua formação, a geografia propôs estudar a relação entre homem e meio natural, em outras palavras, o meio ambiente. Mas, naquela época, por “meio ambiente se entende a descrição do quadro natural do planeta compreendido pelo relevo, clima, vegetação, hidrografia, fauna e flora dissociadamente do homem ou de qualquer sociedade humana” (MENDONÇA, 2001, p. 21-22). O autor ainda destaca que,

Reclus ainda no final do século XIX propôs uma geografia de cunho ambientalista, soube unir a militância política de cunho marxista a uma pretensa ciência - ponte entre o homem e a natureza. Mas não souberam aproveitar seu pensamento na época (MENDONÇA, 2001, p. 28).

A produção científica do século XIX e meados do século XX foi fortemente impulsionada pelo pensamento da época, ou seja, pelo Positivismo. Com isso, considerava-se que:

1) todo conhecimento do mundo material decorre dos dados “positivos” da experiência, e é somente a eles que o investigador deve se ater; 2) Existe um âmbito puramente formal, no qual se relacionam as ideias, que é o da lógica pura e o da matemática; 3) todo conhecimento dito “transcendente” (metafísica, teologia, especulação acrítica) que se situa além de qualquer possibilidade de verificação prática, deverá ser descartado (BORGES, DALBERIO, 2007, p. 3).

Assim sendo, a influência do positivismo reflete à um conhecimento/estudo que só pode ser considerado como verdadeiro se for comprovada a partir de técnicas científicas válidas, por dados estatísticos/quantitativos, visíveis e experimental.

Desta forma, os estudos realizados no primeiro período da história da geografia, que começa no século XIX até meados do século XX, anos 50/60, é denominado de naturalista e/ou materialista, por ter uma forte influência positivista. Com isso, as produções geográficas eram realizadas por um amplo detalhamento das características físicas dos lugares, através de medições e registros (MENDONÇA, 2001), por tal motivo, os trabalhos de campo e descrições eram realizados primordialmente pelos geógrafos físicos, na qual contemplava-se essencialmente os aspectos naturais.

A natureza era então pensada através dos elementos naturais, tais como, relevo, solo, água e ar, aspectos que compõe a paisagem. Porém, com o passar do tempo, o homem entra no discurso e faz parte destes elementos, a partir do momento em que, quanto mais recursos (tecnológicos, industriais) a sociedade obtém para transformar os recursos naturais, mais efeitos impactantes são evidenciados, podendo ser de forma positiva ou negativa.

Assim, por meio de uma perspectiva da Geografia Física que estuda esses elementos naturais e sua dinâmica, vê-se a necessidade de estudar a ação do homem transformador do ambiente (FALCÃO SOBRINHO, 2008). A Geografia Física, ramo da ciência geográfica, pode vir a trabalhar com a natureza e com a sociedade no sentido que, as modificações nas paisagens naturais é fruto de subsistência do homem. Ainda que, para Suertegaray (2004, p. 112) “nem toda a análise geográfica ressalta, ou tem como objetivo enfatizar a transfiguração da natureza pela prática social, portanto, não objetiva explicitar questões ambientais”.

Porém, com o intuito de abranger o olhar para trabalhar com uma geografia física relacional (sociedade e ambiente), ou uma análise integrada da natureza, surge uma nova variável para o geógrafo físico, a ação antrópica.

Ainda é muito persistente aspectos físicos nos estudos da natureza/ paisagem/ambiente dentro da Geografia Física. Em contraponto a isso, a Geografia Humana, outra vertente dos estudos geográficos, surge fortemente ligada para a compreensão das experiências do homem/sociedade em meio ao espaço, correlatando os valores dados por eles e seus comportamentos, essa concepção está muito voltada para geografia humanista e cultural.

A Geografia Humana surge no segundo momento da história da geografia, fortemente marcado pelo marxismo onde a geografia se desenvolve com os estudos da sociedade, tais mudanças no pensamento geográfico ocorreram nos anos 60, 70 e 80 com publicações onde se destaca a corrente da “Geografia Radical”, como posteriormente a Geografia Crítica (MENDONÇA, 2001).

Conforme relatado por Mendonça (2001), os trabalhos voltados para a Geografia Humana possuíam forte aproximação com outras áreas, como a sociologia, história e economia política. Com isso, os aspectos da natureza, seu quadro físico-natural, espaço onde se mantêm as relações sociais, foram deixados de lado.

Os fenômenos naturais passaram a não ser mais analisados por suas funções, mas apenas por ser um recurso para a sociedade. Dessa forma, considerou que, “a produção dos trabalhos em geografia humana que dão especificidade ao tratamento do meio ambiente é bastante fraca” (MENDONÇA, 2001, p. 56), assim, para alguns autores, como C. Robert Morais e Alfred Schmidt (*apud* MENDONÇA, 2001), a natureza passa a ser inexistente em obras de cunho marxista. Contudo, a Geografia Humana tem sua importância e consolidação nos estudos voltados para a produção do espaço, entre outros. Além disso, o filósofo Karl Marx que influenciou a base da Geografia Crítica, é considerado um dos principais autores dos conceitos e diferenciação do que vem ser “primeira natureza” e “segunda natureza” (CARVALHO, 1991).

Seria então entendido a natureza em suas vertentes: **1ª Natureza**, que trataria das coisas e fenômenos da natureza (geografia física) e, **2ª Natureza**, referente as coisas e fenômenos do homem

(geografia humana). Desta forma, “percebe-se que o homem não é mais aquela “primeira natureza”, sujeito apenas às necessidades biológicas, mas é fundamentalmente um produtor de cultura” (CARVALHO, 1991, p 81).

Entretanto, vê-se como foram ramificadas as duas abordagens da ciência geográfica: a física especificamente com aspectos da natureza, dando um limitado foco as ações da sociedade (quadro humano-social); a humana especificamente com estudos da ação da sociedade, com pouca ênfase aos aspectos da natureza (quadro físico-natural).

Diziam os geógrafos, ignorando a complexidade dessa relação homem-natureza, que a geografia é uma ciência-charneira; uma ciência-ponte; uma ciência de síntese entre o homem e a natureza. Basta acompanhar de perto a produção geográfica mundial para observar como os geógrafos reproduziram no interior da própria geografia a grande dicotomia do pensamento ocidental, instituindo a geografia física e a geografia humana (PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 76).

No desenvolvimento da ciência geográfica, observa-se que, cada viés da geografia tem sua especificidade e abordagem que abrange seus respectivos interesses de estudo, porém essa dicotomia - geografia física / geografia humana - pode ser considerada o elo/aproximação dos estudos voltados, por exemplo, para a percepção do meio ambiente. Um ambiente na qual trata-se de revelar a interação da sociedade com o ambiente natural e este sendo transformado pelo homem. Por esse ambiente pode-se compreender a transfiguração da natureza e da natureza humana (SUERTEGARAY, 2004), uma natureza estando empregada pela dinâmica cultural e social, com isso, não é só considerado a "transformação" do natural para o artificial, mas os significados aos quais os sujeitos atribuem a este.

Debater a relação de diversas sociedades e comunidades locais com seu entorno, como também as diferentes maneiras de construir e perceber distinções e relações entre Natureza e Cultura, considerando que para lográ-lo faz-se necessário trabalhar de forma interdisciplinar (VELDEN; BADIE, 2011, p. 20).

Ainda se pontua que, para compreender tal relação, não se deve apenas vê-las através da interdisciplinaridade, sendo essa forma de grande suporte para uma pesquisa acadêmica e científica, mas, também, de forma transdisciplinar como um mecanismo mais abrangente e, de certa forma, coerente, pois, considera-se que, há tantas visões de naturezas como de culturas, ou seja, uma percepção de diferentes mundos, representado no seu espaço-tempo.

Não existem palavras naturais para falar de natureza. As palavras são criadas e instituídas em contextos sociais específicos e também por este modo o conceito de natureza não é natural. É por isso que tem sentido - e poder-se-ia dizer de maneira mais contundente que é necessário compreender bem o conceito de natureza que nossa sociedade instituiu (PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 63).

Em cada feição desse “espaço uno e múltiplo” (SUERTEGARAY, 2001), a sociedade está inserida e modificando-a. Há as transformações na natureza, ou ainda, a transfiguração do ambiente.

Com isso, parte-se da proposta de pensar em uma ciência geográfica não mais dicotômica, mas dual, suas especificidades possuem aspectos diferentes e são possíveis de serem dialogadas.

Assim, ampliando o quadro de se estudar e debater o ambiente do ponto de vista de seu aspecto natural, questões ambientais, entre outros, é oportuno adentrar no campo na qual dá-se ênfase ao aspecto social.

Na Geografia Humana, especificamente uma geografia humanista e cultural, pode-se estudar o ambiente, a concepção de natureza e a relação do homem (sociedade) com esta, através do método fenomenológico, buscando o elo da natureza e homem. Com isso, surgem pesquisas voltadas para a percepção ambiental, abrangendo o método fenomenológico na ciência geográfica.

2.2. A Percepção Ambiental como aporte metodológico na disciplina geográfica

Assim como o tema Meio Ambiente é fonte de discussão de várias áreas do conhecimento, sua ramificação - percepção ambiental - consequentemente, também se conduz no mesmo caminho, e se insere no ensino de Geografia.

A percepção ambiental é um instrumento indispensável para entender todo o contexto de uma comunidade, em como ela pensa, age e se relaciona com o ambiente. Inclusive, é possível identificar o nível de importância que o ambiente tem para o indivíduo e para toda a comunidade, e em como essa relação pode influenciar na biodiversidade nesse ambiente.

O primeiro contato que os indivíduos têm com o mundo, o Meio Ambiente, se dá pela sensação captada dos órgãos cognitivos dos sentidos. A sensação leva a percepção, que formula imagens mentais, que possuem significados por quem a erige, conforme emoções, instruções e vivências, como também de acordo com suas dimensões sociais, culturais, históricas e paradigmáticas (RIBEIRO; LOBATO; LIBERATO, 2009, p. 42-43).

Especificamente na Geografia, os estudos da Percepção Ambiental tiveram grande significado e manifestação quando esta é contemplada por orientações epistemológicas advindas da Fenomenologia. A partir disso, se exalta um movimento ou corrente do que se denominou como geografia humanista (RIBEIRO; LOBATO; LIBERATO, 2009). Além disso, o “conceito de ‘mundo vivido’, ou ‘Lebenswelt’, que dá suporte teórico a esta abordagem geográfica [humanista] é proveniente da fenomenologia, estudado inicialmente por Husserl” (KOZEL, 2013, p. 64).

Com isso, a percepção não poderia ficar de fora das discussões geográficas, pois cabe ao geógrafo desvendar, descrever e representar o mundo. Mas se deve indagar qual mundo se pretende desvendar e qual o intuito de produzir conhecimento a respeito dele.

E, no que tange falar na questão e/ou problemática ambiental, seja em qual for o viés científico, requer dialogar com a própria percepção ambiental. Pois, o meio ambiente é a integração do que vem ser o campo de estudo e de interesses nos diálogos relativos a essa interação homem/sociedade e

natureza, atrelando ainda questões ambientais, tais como, impactos socioambientais, sustentabilidades, percepção e educação ambiental, entre outros. Oliveira (2002 apud. RIBEIRO; LOBATO; LIBERATO, 2009) salienta que “meio ambiente, seja ele qual for, é definido conforme a percepção que cada sujeito faz da realidade que o cerca, logo Percepção Ambiental também terá sua multiplicidade de conceitos” (Idem. p. 55). E, de acordo com Suertegaray (2004, p. 114) “discutir a natureza e a questão ambiental resgata a unidade da geografia”.

2.3. Memória e Identidade na construção do lugar

A origem da palavra Memória, do latim "memoria", indica a conservação de uma lembrança, ou ainda, uma atividade psíquica na qual se consegue conservar, e por assim dizer, (re)lembrar o passado. Quando alguns costumes não são mais realizados pelos grupos sociais, estas ainda fazem parte de sua história pelas lembranças. Conforme Camargo (2006, p. 45), “preservar a memória significa, sempre, construir a memória”. Assim sendo, em um contexto histórico, através da memória contada, os atores sociais escolhem e constroem fatos que possuem significados. Pode-se dizer ainda que esta ligação, entre memória e o sentimento de identidade, está correlata ao senso (conceito) de Lugar.

A memória e identidade sempre foram categorias centrais de análises das ciências humanas, especificamente na antropologia e história. De acordo com Pollak (1992, p. 201) é “a ligação entre memória e identidade social, que resulta hoje em história oral”. Exposto isto, através das memórias e narrativas para a captação de informação, seja pela história oral, a técnica da entrevista, ou no campo antropológico pela etnografia, apresenta-se como formas para obter o entendimento da realidade vivida de determinada sociedade (individual e/ou coletivo).

A entrevista é uma técnica de chamada para a produção e a significação da memória, e esse entendimento é resultado de disputas metodológicas e colaboração, muitas vezes intencional, entre praticantes da história e da antropologia, praticantes essas que abriram para outros campos de saber a possibilidade de uma discussão acerca dos usos da oralidade na pesquisa (VENSON; PEDRO 2012, p 129).

A memória passa então a ser considerada como fonte histórica, “pois uma análise da memória implica considerar que as memórias são interpretações da experiência vivida, são datadas e podem ser historicizadas” (VENSON; PEDRO 2012, p. 132). E, uma vez que, a construção da identidade é correlata ao sentido de pertencimento ao lugar, mesmo não sendo de origem, são os próprios sujeitos que reverenciam este sentido e dão significado a eles. Com isto, os lugares passam a ser lugares de memória (POLLAK, 1992).

Contudo, ao se referir que a cultura é dinâmica (LARAIA, 1996), pode-se considerar que as identidades também são. “Posto que as identidades são dinâmicas, pode-se dizer que elas se

relacionam com um contexto sócio-espacial e, no caso dos sertões, a existência de identidades plurais é parte deste processo” (ALMEIDA, 2008, p. 332). Além disto, “a globalização das relações sociais é uma outra fonte (de reprodução) do desenvolvimento geográfico desigual e, assim, da singularidade do lugar (CAMARGO, 2006, p. 52). Deste modo, é válido pontuar que uma comunidade não será sempre a mesma, deve-se considerar que o mundo está globalmente interligado, ou seja, em constantes e possíveis transformações.

O sentido de pertencimento ao lugar, bem como os laços de identidade, pode ser contestado ou mesmo afirmado pelas relações sociais. Assim, a identidade se expressa na convivência com o lugar, na estreita relação com o meio, pois devido a diversidade de percepções e ações, não se torna estática. Conforme colocado por Claval (2003 *apud* ALMEIDA, 2008, p. 316), “viver em um lugar não é somente deixar-se embalar pelo ritmo sazonal como também fazer escolhas, arbitrar entre as múltiplas opções, fazer uma idéia do que se deve ser e moldar suas ações conforme seus valores e ideologias”.

Além disto, a identidade sertaneja passa a ser vista como uma expressão diversificada, refutando a noção homogeneizada que foi construída historicamente sobre a região semiárida, de cunho político, e apresenta-se como uma integração com a natureza, os diversos modos de vida, de percepções e ações com o meio (LESSA, 2018).

3. METODOLOGIA

Associado ao que foi exposto em tópicos anteriores, soma-se a ideia de elaborar representações gráficas no intuito de resgatar a história da localidade narrada por alguns dos moradores mais antigos, na perspectiva de relatar essa volta ao tempo, o recomeço e o agora, ou em outras palavras, um “mapa linha do tempo” da comunidade Capoeirão que sucedeu de mudanças através da construção do açude Araras. Contudo, é válido ressaltar que, toda tentativa de construção dos mapas e reconstrução da história depende dos relatos dos interlocutores, indivíduos esses que foram identificados a partir da segunda etapa da pesquisa.

Conforme Gorayeb, Meireles e Silva (2015), o primeiro passo para a criação dos mapas sociais se dá pelo convite, ou mesmo, aproximação com alguma organização comunitária, como por exemplo, agentes de saúde, igreja ou escola. Entretanto, na área de estudo, não houve nenhum grupo para mediar o contato com os membros da comunidade Capoeirão para elaboração dessa (re)construção da história através de mapas. Apesar disso, optou-se por um novo caminhar, pois há vozes representativas que conduziram a efetivação dessa etapa.

Antes do mapeamento, é válido discorrer sobre o método que dá suporte a esse elemento, a cartografia social. Entende-se assim por Cartografia Social “uma linha de pesquisa da ciência cartográfica que privilegia o conhecimento popular, simbólico e cultural, como meio de produzir o

mapeamento de territórios tradicionais, étnicos, sagrados e coletivos” (GORAYEB; MEIRELES; SILVA, 2015, p. 9), e a partir dessa disciplina podem ser construídas/elaboradas os mapas mentais.

O mundo é visto e experienciado não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações onde estão imbricadas valores, sentimentos, atitudes, vivências, entre outros. As imagens espaciais provenientes dessas subjetividades foram denominadas mapas cognitivos, mapas conceituais e posteriormente mapas mentais (KOZEL, 2013, p. 65).

A partir das narrativas em campo, dedicou-se na elaboração das representações gráficas, não como um produto final da pesquisa, mas, de acordo com Seemann (2003, p. 201), “como meio de comunicação e processo (mapeamento) que torna experiências ambientais compartilháveis”, ou ainda, “a de tornar presente a consciência da realidade externa” (PONTUSCHKA, PAGANELLI, CACETE, 2009, p. 291).

Os mapas construídos a partir da percepção dos sujeitos entrevistados foram elaborados com objetivo de trazer a história da comunidade Capoeirão, que está relacionada a antiga comunidade conhecida como “Carnaubinha do Ximenes”, a relação com lugar, a dinâmica espacial e o que houvesse. Com isso,

A percepção, o pensamento e a ação se constituem em componentes importantes da atividade humana, pois percebemos, construímos e agimos sobre o que é percebido. Observa-se também que a percepção resulta do esforço das sensações que decorrem dos estímulos do meio ambiente, de experiências passadas, ideias, imagens, expectativas e atitudes (KOZEL, 2013, p. 66).

Em suma, o mapeamento visa compreender, além da percepção do ambiente em que se esteve inserido, uma recriação/representação do seu espaço vivido, uma vez que, “é pelo conhecimento das representações das pessoas que é possível captar os valores que dão sentido a seus lugares de vida e entender a maneira pela qual elas modelam as paisagens e nelas imprimem suas convicções (ALMEIDA, 2003 apud ALMEIDA, 2008, p. 316). Com base nisso, serão expostos alguns mapas no intuito de representar o espaço coletivo dos interlocutores, a história e experiências do/no ambiente.

Não houve um roteiro específico quanto às entrevistas, a única questão levantada e norteadora foi: “Como era a comunidade Carnaubinha dos Ximenes?”.

Para a construção dessas representações gráficas, as entrevistas foram realizadas com algumas visitas esporádicas a dois lugares: a própria comunidade Capoeirão (Santa Quitéria), na qual foi possível conversar com 3 (três) interlocutores que residem no lugar; e, 1 (um) interlocutor que mora na cidade de Varjota, pois, devido a construção do açude Araras, algumas famílias da antiga Carnaubinha dos Ximenes foram para outras áreas, principalmente a Varjota pela sua aproximação espacial. Sendo assim, foram 4 (quatro) principais interlocutores que tornaram possível as elaborações dos mapas, principalmente a da Carnaubinha dos Ximenes (Figura 2).

Além disso, elaborou-se os mapas referente a sobreposição do açude Araras na antiga localidade e a criação do seu novo lar (Figuras 3 e 4), tal composição representa a caracterização de uma paisagem em consonância com o meio vivido e o sentido que dão ao lugar - “Morada de todos”. Foi a partir de referências básicas associadas à alguns pontos relatados em campo que foi possível representar o espaço, registrar, por meio da história oral, o lugar.

Algumas observações serão pontuadas a partir dos registros fotográficos, bem como aplicação do questionário e narrativas em cada etapa. São demonstrativos que vêm a complementar o entendimento que os sujeitos possuem em relação com o ambiente ao seu redor.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Constata-se que a ciência geográfica sempre utilizou das imagens para demonstrar a concepção de mundo. Essas são apresentadas em forma de cartas, desenhos ou representações gráficas. A partir disso, o uso da imagem é visto como ponto crucial para a geografia, e com o conceito de paisagem obteve maior ênfase. Especificamente, as representações gráficas espaciais passaram a ser o foco das análises por parte dos geógrafos, pois é possível revelar as realidades locais, a partir de lócus ecológico, histórico, administrativo/político, econômico e até mesmo perceptivo dos espaços vividos, reorganizados e dinâmicos (SILVA, 2014).

Essas representações vêm a contrapor a padronização geométrica e estatísticas do espaço, como mencionado no primeiro capítulo através de Kozel (1998; 2003), Nogueira (2007), Silva (2014), entre outros, na qual se consolidava na ciência geográfica. Esse método se debruça à uma geografia da percepção, humanista, em que os elementos sociais, afetivos, significativos, que não podem ser quantificados, passam a fazer parte do recorte espacial.

De acordo com Pontuschka, Paganelli, Cacete (2009, p. 292) “é por meio do desenho, em atividade individual ou coletiva, que o não dito se expressa nas formas, nas cores, na organização e na distribuição espacial”. Entretanto, na presente pesquisa, a elaboração dos respectivos mapas se deu pelo que foi dito e, assim, possível de representar o espaço vivido.

A história da Comunidade Capoeirão começa antes da consolidação da grande barragem - Açude Araras. Atualmente, na comunidade Capoeirão residem os filhos e netos dos antigos moradores da Carnaubinha dos Ximenes.

Conforme relatado nas entrevistas, na margem direita do rio Acaraú encontrava-se a comunidade Carnaubinha dos Ximenes, onde moravam 9 (nove) famílias com as casas próximas umas às outras, pois se convivia entre irmãos, primos, tios da mesma família, em que todos possuíam o sobrenome “Ximenes”, justificando assim a denominação da localidade. Além do rio Acaraú como recurso hídrico, também utilizam das cacimbas próximas a esse, como mais uma forma de obtenção

de água. No linear do rio, a comunidade se assentou com sua agricultura, carnaubais, vistas dos serotes distante no cotidiano de suas residências (Figura 2).

Já do outro lado do rio (margem esquerda) encontrava-se “as Terras dos Gomes” (Figuras 3 e 4) e também havia uma pequena Igreja na “Serrota”, como chamavam. Era uma área mais elevada na qual se tornava possível avistar a igreja ainda na Carnaubinha dos Ximenes. Ali, todos frequentavam quando havia celebração, porém, era apenas um domingo de cada mês. De tal modo, a religiosidade era um alento fortíssimo para aqueles “castigados pela seca”.

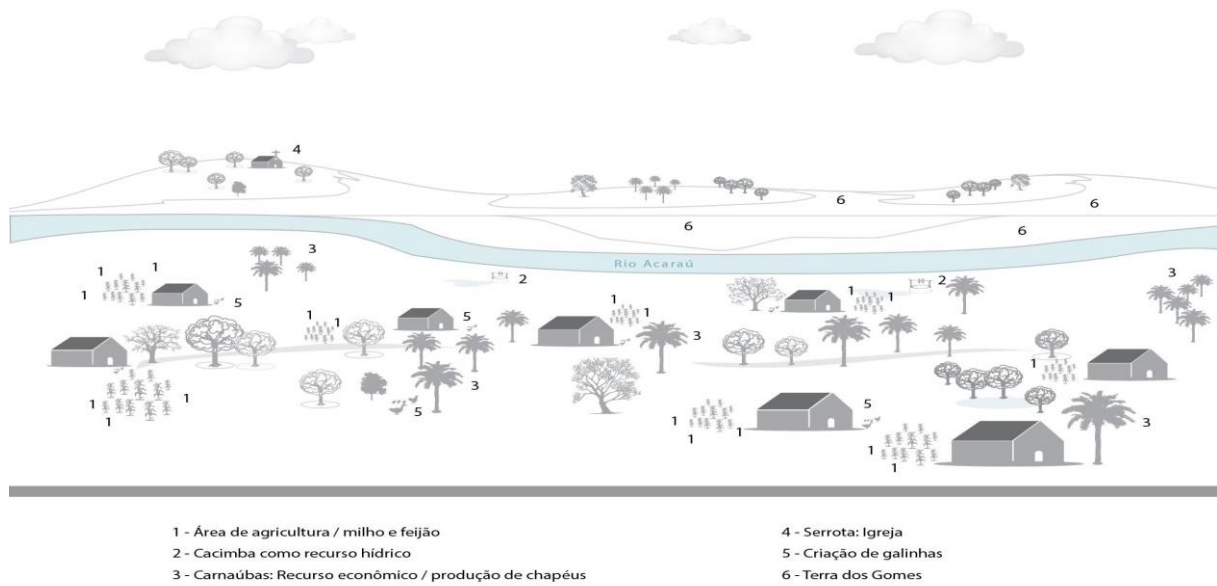


Figura 2: Representação gráfica da Comunidade Carnaubinha dos Ximenes.



Figura 3: Sobreposição do Açude Araras na antiga Carnaubinha dos Ximenes.



Figura 4: Da Carnaubinha dos Ximenes ao Capoeirão.

Havia ainda elaboração de chapéus de palha, provenientes das Carnaúbas que na região se encontravam. Acredita-se que essa atividade era representativa para o lugar, pois mais uma vez faz alusão ao nome da comunidade “Carnaubinha dos Ximenes”. Toda produção gerada era para consumo desses personagens, como também comercializada em Armazém na localidade de Groaíras, local este que se encontram diversos cursos de rios. Portanto, mais uma vez às águas confirmam os cenários das paisagens.

Diariamente, a agricultura e pecuária correspondiam a uma dinâmica econômica na Carnaubinha dos Ximenes, eram pequenas produções agrícolas como milho e feijão, as beiras dos rios, e algumas variações de frutas; e, a criação de animais, tais como galinha, ovelha, porco e o gado, além da produção do queijo. Quanto aos animais de pequeno porte, esses se encontravam entre as casas das famílias, mas os animais de médio e grande porte, principalmente o gado, geralmente ficavam em terras mais afastadas, nas quais chamavam de capoeiras.

De acordo com um interlocutor, na época, “a seca castigava, mas era bons tempos”. Diante de tantas precariedades, a união, determinação e força de trabalho, tornava o ambiente harmonioso.

Por muito anos esse era o cotidiano desses sujeitos, contudo, no final da consolidação do açude Araras, o bloqueio do rio Acaraú, e com a promessa de alagar toda a localidade, essas famílias se viram obrigados a saírem de suas casas e buscar outras áreas para se fixarem. Buscaram abrigos em outras cidades e alguns desses sujeitos edificaram seu novo lar nas capoeiras, junto com os animais. Assim, de forma indireta, foram impactados por esse empreendimento do governo e sem um tipo de auxílio, (re)construíram suas vidas em outra localidade, que “por sorte”, eram terras de rebanhos.

“A Carnaubinha do Ximenes era mais próximo ao riacho [rio Acaraú], mas quando houve a história que o açude ia encher e alagar a vila, construíram as casas aqui. Antigamente o local da comunidade era uma solta grande dos bichos, gado, ovelha dos pais de família e depois foi morada de todo mundo.”

Interlocutora residente na Comunidade Capoeirão

De acordo com os dicionários, o significado da palavra "capoeira" se reporta à ka'a (mata) e pûer (que foi), ou seja, *o que foi mata*. Refere-se às áreas de mata rasa do interior do Brasil, onde é comum o pastoreio, logo é compreendido o significado do nome da comunidade, no qual aglomerou os animais e as pessoas tornando-o “morada de todos”, um Capoeirão.

“Antes era uma capoeira grande, por isso é Capoeirão. Pessoal morava na beira do rio e depois se mudaram”.

Interlocutora residente na Comunidade Capoeirão

A memória e as narrativas, dessa forma, se apresentam como registros não oficiais, e que contam com tamanha riqueza o histórico de uma região que teve sua ascensão e reorganização a partir de uma barragem nos anos 50/60, mas que antes ainda da sua consolidação haviam vidas que foram atingidas sem nenhuma assistência governamental, modificando seus hábitos, crenças, sua paisagem, seu espaço não mais vivido, apenas lembrado, que hoje é narrado pelos anciões da antiga localidade, através das lembranças e histórias no seu “novo” lugar de morada.

Dessa maneira, na perspectiva da elaboração do “mapa linha do tempo”, pode-se entender que,

Esses mapas não são representações cartográficas sujeitas às regras cartográficas de projeção, escala ou precisão, mas representações espaciais oriundas da mente humana, que precisam ser lidas como mapeamentos (= processos) e não como produtos estáticos (SEEMANN, 2003, p. 201).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido destacar que as narrativas são fundamentais e são explanadas através da percepção que cada sujeito tem do seu lugar, do seu meio. Desta forma, as memórias são fontes de pesquisa e de investigação da realidade dos interlocutores, concomitantemente em suas ações e concepções de natureza. Daí os traçados dos mapas não são precisos e sim registros de memórias.

As lembranças desse espaço revivido, os laços familiares, o apego ao local, o laço com as águas, a delimitação do território designada pelos donos da terra/sobrenome da família, as “cantigas da orquestra” na calada da noite, entre outros fatores, são os valores atribuídos ao ambiente, desconstruindo àquela paisagem como o que é visível, e repleta de significados.

Diante das observações em campo fica claro a importância do açude Araras para diversas famílias da comunidade Capoeirão. Mesmo com seu recuo, timidamente, ainda há a utilização desse recurso hídrico para algumas atividades desenvolvidas pelos moradores dessa região. Isso posto, o recurso hídrico que se dá ênfase na pesquisa, o açude Araras, possui uma grande relevância para a

referida comunidade. Sua implementação não afetou apenas o espaço físico, mas também toda a dinâmica social desses sujeitos locais. Tal evidência foi explanada no decorrer da pesquisa com as entrevistas e também ao se trabalhar na elaboração dos mapas apresentados, uma ferramenta que enriqueceu ainda mais na discussão referente ao ambiente, trazendo os aspectos culturais e tradicionais perante a comunidade Capoeirão. Além disso, o açude Araras que seria o “divisor de água” espacial, acaba sendo um elemento importante para os fatores acima mencionados, bem como

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. Uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo. In: SERPA, A. (Org.). Espaços culturais: vivências, imaginações e representações. **SciELO Books**, 2008. p. 313-336.

BORGES, M. C.; DALBERIO, O. Aspectos metodológicos e filosóficos que orientam as pesquisas em educação. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 43, n. 5, p. 1-10, 2007.

CAMARGO, C. R. A construção da memória na sociedade global. Identidades sociais: local x global. **Patrimônio e Memória**, v. 02. p. 45-53, 2006.

CARVALHO, M. **O que é Natureza?** 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. 86p.

CASTELO BRANCO, M. L. X.; FALCAO SOBRINHO, J. A discussion of nature and society in the geoantropological view: the relationship and perception of the Capoeirão community with water resources, Santa Quitéria – CE. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 13, n. 5, p. 2180-2197, 2020.

CLAVAL, P. Gênese e evolução das interpretações culturais na geografia (Primeira Parte). In: **Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. p. 19-60.

FALCÃO SOBRINHO, J. **Relevo e Paisagem: Proposta Metodológica**. Sobral: Sobral Gráfica, 2007. 300p.

FALCÃO SOBRINHO, J.; COSTA FALCÃO, C. L. **Geografia Física: a natureza na pesquisa e no ensino**. 1. ed. Rio de Janeiro: TMAISOITO, 2008. 88p.

FALCÃO SOBRINHO, J. **Geohistória Ambiental do Vale do Acaraú**. Edições Universitárias, 2009. 97p.

FALCAO SOBRINHO, J. **A Natureza do Vale do Acaraú: um olhar através das sinuosidades do relevo**. Editora SertãoCult, 2020. 199p.

GORAYEB, A.; MEIRELES, A. J. A.; SILVA, E. V. Princípios básicos de Cartografia e a construção de mapas sociais: metodologias aplicadas ao mapeamento participativo. In: GORAYEB, A.; MEIRELES, A. J. A.; SILVA, E. V. (Orgs.). **Cartografia social e Cidadania: experiências de mapeamento participativo dos territórios de comunidades urbanas e tradicionais**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2015. p. 9-24.

HOLZER, W. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar**: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. 1998. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

HOLZER, W. O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, Niterói, v. 5, n. 10, p. 113-123, 2003.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/santa-quiteria/panorama>. Acesso em: 06 dez. 2019.

IPECE - INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Perfil Municipal Santa Quitéria**, 2017.

KOZEL, S. Comunicando e Representando: Mapas como Construções Socioculturais. **Geograficidade**, v. 3, n. esp., p. 58-70. 2013.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.

LESSA, S. N. Identidade Sertaneja e Meio Ambiente no Início do Século XXI. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 26., São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011.

MENDONÇA, F. **Geografia e meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2001.

NOGUEIRA, A. R. B. Abordagem fenomenológica da percepção e representação na Geografia. In: ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE MERICA LATINA. 11., **Anais...** 2007.

POLLAK, M, Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. Representações gráficas na Geografia. In: PONTUSCHKA, N. N.; PAGANETTI, T. I.; CACETE, N. H. (Orgs.). **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 291-317.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Os (des)caminhos do Meio Ambiente**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 152p.

RIBEIRO, W. C.; LOBATO, W.; LIBERATO, R. C. Notas sobre fenomenologia, percepção e educação ambiental. **Sinapse Ambiental**, Betim, v. 6, p. 42-65, 2009.

RIBEIRO, J. A. G.; CAVASSAN, O. Os conceitos de Ambiente, Meio Ambiente e Natureza no contexto da temática ambiental: definindo significados. **GÓNDOLA: Enseñanza y Aprendizaje de las Ciencias**, v. 8, n. 2, p. 61-76, 2013.

SEEMANN, J. Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa. **OLAM: Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v. 3, n 1, p. 200-223, 2003.

SILVA, C. M. P. P. **Paisagem sertaneja**: apreendendo imagens do semiárido nordestino à luz das suas representações. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, n. 93, 2001.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia Física(?), Geografia Ambiental(?) ou Geografia e Ambiente(?). In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2004. p. 111-120.

VELDEN, F. V.; BADIE, M. C. A relação entre natureza e cultura em sua diversidade: percepções, classificações e práticas. **Avá. Revista de Antropología**, v. 19, p. 15-47, 2011.

VENSON, A. M.; PEDRO, J. M. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. **História Oral**, v. 15, n. 2, p. 125-139, 2012.